

AGRONEGÓCIO: CONTEXTO DOS CONFLITOS ENTRE TERRA E SEGREGAÇÃO RACIAL

Keila Braulio de Almeida

Palavras-chave: Comunidade; Racismo; Agricultura;

INTRODUÇÃO

Diante de um cenário caótico, o agronegócio utiliza desse fator como recurso de produzir cada vez mais, utilizando substâncias tóxicas nas produções dos alimentos. Entretanto, o agro age na segregação racial, visto que há uma discrepância em quem se alimenta do prato com toxicidade e quem come alimentos saudáveis. O agro, vem com sua força atingindo a população de baixa renda de forma negativa, o que deixa claro que quem está por trás das grandes problemáticas que o agronegócio traz, é a própria elite. Ademais, é possível observar, que a população em vulnerabilidade são os mais atingidos, em suma maioria, estes habitantes são negros, vivem do campo, ou dos quilombos. Ademais, para além da perspectiva em que o agro se insere, se torna valido ressaltar, como se dá a dinâmica do mesmo no modo de produção para a elite. Falar sobre o agro, é falar do seu público alvo e de trazer em debate a questão que o mesmo não resolve a fome e muito menos oferta emprego, mas causa uma separação de classe, etnia, raça e terra, pois o agronegócio vai para além das circunstâncias alimentares, ele está presente no território, na disputa pela terra e na sua concentração.

Este trabalho tem como objetivo se estender através de uma compreensão analítica para entender o fator da segregação racial que o agronegócio causa. Sabe – se que o agro faz parte de um setor que engloba atividades relacionadas a agricultura, ademais, se torna perceptível como o mesmo atinge a população negra causando uma segregação racial. Marjitoriamente essa minoria se encaixa na agricultura familiar, entretanto, possui menos terras do que a população branca. Na perspectiva rural a população branca ocupa quase 60 por cento de todas as propriedades rurais, enquanto, os negros ocupam menos da metade. (Agência Brasil, dados do IBGE, 2019) . O artigo, O agro é branco? Seletividade racial e política fundiária no Brasil, a autora discuti um fator crucial, de como o período pré - colonial a população negra, vinda da África foi usada na exploração das terras. (Camilla Penna, p.3, 2022) Enquanto a escritora é geógrafa Larissa Bombardi em seu livro Agrotóxicos e colonialismo químico, discuti como o agro age no campo, nas terras e na população, destruindo a saúde da população pobre que em sua pluralidade são negros. (Bombardi, 2023). De toda forma, esta pesquisa se expande na exploração da cultura do agro e sua separação de classes, levando a minoria para a morte através de alimentos com fertilizantes tóxicos, ao mesmo tempo que para os brancos a comida que chega em sua mesa é a mais saudável possível. Contudo, o agro de dinamiza nas suas relações com a terra, nos conflitos territorial. No artigo Condições históricas e sociais que regulam o acesso à terra no espaço agrário brasileiro, (Germani, 2008) a autora traz a perspectiva de como a terra antes não possuía um dono, os povos indígenas não fazia uma divisão de terras, a terra era de todos e para todos ali presente, mas, com a chegada dos portuguesas, essa dinâmica muda. Ou seja, a partir do período colonial surge uma concentração de terras, surge a elite e quem serão os “donos” dessa terra. Dentro das possíveis dinâmicas, é possível conectar esse fato com o próprio agronegócio, a começar por entender que o agro necessita da terra e compreender que essas terras estão nas mãos da elite branca brasileira. Para Girardi (2021), em seu artigo, A questão agrária e a questão racial no Brasil, o autor reporta a forma em como a segregação ela ocorre, desde a escravidão com os povos negros trazidos para o Brasil, á lei de terras que transcendeu ainda mais para uma desigualdade social, onde nesse momento passa a se ter essa divisão de terras e a concentração nas mãos dos grandes latifundiários. O agronegócio no Brasil é um dos setores econômicos mais influentes, mas está profundamente envolvido em conflitos sociais e ambientais. A expansão desse setor tem levado a disputas por terras, especialmente em regiões como o Matopiba e a Amazônia, onde a concentração fundiária e a violência são comuns13. Os conflitos por terra são frequentes em áreas de expansão agrícola. Em 2022, foram registrados 1.572 conflitos, com aumento de 16,70% em relação ao ano

anterior6. A Comissão Pastoral da Terra (CPT) destaca que esses conflitos envolvem comunidades indígenas, quilombolas e sem-terra, que enfrentam a expropriação de suas terras para dar lugar a grandes monoculturas e pastagens. Para além disso, Os impactos socioambientais são vastos. Além dos conflitos, o agronegócio é responsável por desmatamento e queimadas, comprometendo a biodiversidade e a sustentabilidade das práticas agrícolas. A concentração de terras em mãos de grandes proprietários reduz as oportunidades para a agricultura familiar e aumenta a desigualdade social. Em resumo, o agronegócio no Brasil está no centro de uma crise que envolve conflitos por terra, segregação racial e degradação ambiental. É necessário um debate amplo sobre políticas que promovam uma agricultura mais justa e sustentável, respeitando os direitos das comunidades tradicionais e protegendo o meio ambiente.

Para avaliar a asseveração, i) foi realizado uma revisão histórica e conceitual em obras que tratam da questão do agronegócio, da questão agrária e racial. Para o enunciado ii) foi utilizado como procedimento metodológico principal a exploração dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019 que foram disponibilizados sobre a divisão da ocupação dos negros e brancos nas terras. Adicionalmente, também foi analisado o Censo Agropecuário 2017 que foram viabilizados de acordo com a raça do produtor responsável pelo estabelecimento agropecuário. As análises deste trabalho, comparam a dinâmica do agronegócio nas suas mais diversas escalas, numa perspectiva de raça e etnia, contudo, fomentando suas contradições tanto para a população pobre como para a própria elite. Dessa forma, retratar dentro de suas conformidades, a relação do agro no contexto territorial e de uma segregação racial. Será abordado os critérios que foram utilizados para a construção do universo do estudo. As ações utilizadas contemplaram o caráter exploratório das pesquisas de autores da área de estudo voltado para o agronegócio, bem como, as limitações que se teve através do método de estudo escolhido.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Para fomentar a pesquisa foi feita uma análise de leituras, observando os pontos importantes deste método utilizado. Dessa forma, trazendo para a pesquisa a utilização de gráficos para compreender quem são a maioria que detêm das terras e como o agronegócio contribui negativamente para a segregação racial. Foi observado que esta inquirição, foi de suma importância para as análises do estudo, trazendo as perspectivas do agronegócio nas

concentrações das terras fundiárias e sua separação de classes. Todavia, este tópico busca retratar o perfil em que o agro se insere no contexto socioespacial e os modelos que o mesmo segue. O Brasil é um país que vive nos moldes ainda do período colonial e que para além disso, o mesmo vive nos moldes de um país com que entra em embate com o racismo fundiário, intitulado desde a colonização, mas principalmente após a "abolição da escravidão ", dificultando o acesso à terra para os negros e indígenas. Segundo um estudo publicado na capa a revista Valor Econômico em 2020, o índice do GINI da distribuição da propriedade da terra no Brasil foi de 0,73, confirmando dessa forma, que o Brasil está entre os países com maior desigualdade do mundo nesse tema. Ademais, o estudo também reporta que esta mesma desigualdade se faz presente nos estados com maior produção de commodities, como a Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e na região do Matobipa, enquanto que nos estados com maior produção da agricultura familiar e diversificação agrícola, como Santa Catarina, Amapá e Espirito Santo, essa desigualdade é menor. Não se pode dizer que o agro é o principal causador das discrepâncias sociais, mas que o mesmo está vinculado ao principal fator, que foi a própria colonização, pois a partir desse ocorrido que surge a separação de classes, a desigualdade e outras problemáticas que irão atingir as populações desfavorecidas. A segregação ocorre para além do rural, no urbano também, pois o agro se expande em largas escalas e sua forma de produção se dá no uso de Agrotóxicos para se ter uma produção em massa, a questão que fica é quem irá se alimentar do alimento tóxico e do alimento saudável, e como a própria elite apesar de ter acesso a esse alimento acaba tendo como consequência também o surgimento de doenças como o câncer, mas que ainda assim, preferem continuar com a reprodução do agronegócio. Enquanto, na perspectiva da terra, o agro vai se concentrar em causar uma diversidade nas classes e na sua distribuição, causando assim confrontos pelo poder, pois a terra é trazida como um território e onde se há um território, pode – se haver conflitos e disputas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se torna indispensável para a fomentação do conhecimento tanto na geografia agrária, como no conhecimento singular. A pesquisa permitiu explorar de maneira minuciosa as estratégias que o agro faz para delimitar a minoria em massa, trazendo assim, a sua dispersão entre o negro que está no campo como subordinado e o branco como o subordinador, ou seja, a elite que comanda o agronegócio e como esta produção atinge o público desfavoravelmente. Dessa forma, a pesquisa deixa claro quais limitações a população negra enfrenta quando o assunto se trata de alimentação, visto que o que chega em sua mesa não é nada saudável quando

comparado a alimentação que chega na mesa dos grandes proprietários, que em sua maioria são homens e brancos. Ademais, a perquirição trouxe de modo objetivo as diferenciações que o agro traz para a população brasileira e a segregação racial que ocorre dentro do mesmo espaço urbano, bem como sua concentração de terras, entendendo assim, nas mãos de quem essa terras estão e como foram tiradas daqueles que realmente deveriam ter o acesso.

REFERÊNCIAS

Bombardi, Larissa mies, Agrotóxicos e colonialismo químico, Editora Elefante, 2023

Penna, Camila, O agro é branco? Seletividade racial e política fundiária no Brasil, Estudos : sociedade e agricultura. Rio de Janeiro, 2022

Girardi, Eduardo Paulon, A questão agrária e a questão racial no Brasil, Editora Realize, 2021

Germani, Guiomar Inez, Condições históricas e sociais que regulam o acesso à terra no espaço agrário brasileiro, UFBA, Salvador – Bahia, 2008

Pima, Rute e Fonseca, Bruna, O agro é branco: propriedades de negros ocupam metade da área das terras de brancos, Brasil de Fato, 2019. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2019/11/20/o-agro-e-branco-propriedades-de-negros-ocupam-metade-da-area-das-terras-de-brancos Acesso em: 10/11/2024

A parte que te cabe deste latifúndio: Os 170 anos da Lei de Terras no Brasil e o despejo do acampamento Quilombo Campo Grande, Observatório das Desigualdades. Disponível em: https://observatoriodesigualdades.fjp.mg.gov.br/?p=1270 Acesso em: 10/11/2024

Fonseca, Bruno e .Rohden, Júlia, 14 mil pessoas foram intoxicadas por agrotóxicos durante governo Bolsonaro, Brasil de Fato, 2022. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2022/12/15/14-mil-pessoas-foram-intoxicadas-por-agrotoxicos-durante-governo-bolsonaro Acesso em: 10/11/2024

Flor, Katarine, A insegurança alimentar é o racismo negro, Fundação Rosa Luxemburgo Brasil e Paraguai, 2024. Disponível em: https://rosalux.org.br/a-inseguranca-alimentar-e-o-genocidio-da-populacao-negra/ Acesso em: 12/11/2024